

O MUNDO FORA DO CÂNONE: Considerações sobre algumas peças ‘apócrifas’ de Shakespeare

Doutorando Régis Augustus Bars Closel¹ (UNICAMP)

Resumo:

Com a publicação do Terceiro Fólio das Obras de William Shakespeare em 1664, sete novas peças foram adicionadas àquelas que anteriormente foram impressas no Primeiro (1623) e Segundo (1632) fólhos. Já no Primeiro, cerca de dezoito peças nunca antes impressas em formato Quarto foram adicionadas ao monumental trabalho realizado por antigos colegas do dramaturgo de Stratford-Upon-Avon. Entre essas sete, algumas já fazem parte das Obras Completas. Outras, por sua vez, ainda disputam seu lugar no “cânone”, noção que vem se mostrando cada vez insuficiente ou incompatível quando falamos de peças de teatro inglesas datadas entre o século XVI e XVII. O caso de Sir Thomas More, embora nunca publicada talvez tenha sido o mais debatido, pois é uma situação em que a peça contém uma parte atribuída a Shakespeare. Este texto visa discutir a relação entre “cânone” e “apócrifa” na obra de Shakespeare, recorrendo às peças cujos enredos são inspirados no período Tudor.

Palavras-chave: William Shakespeare, ‘Sir Thomas More’, Cânone, Apócrifa, Período Elisabetano.

1 Introdução

O pesquisador que trabalha com a peça *Sir Thomas More* (1592-3; 1603-4) precisa lidar com pelo menos duas questões que diferenciam o modo de trabalho para a análise e tradução da peça. A primeira delas é a natureza colaborativa da obra, como nos casos mais conhecidos e cuja divisão é relativamente clara, envolvendo *Henrique VIII* (1613)¹, *Os Dois Nobres Primos* (1613-4), *Timon de Atenas* (1605) e *Pérgles* (1607) e também, os menos conhecidos como *Titus Andronicus* (1592) e as três partes de *Henrique VI* (1592); ou ainda as peças revisadas postumamente por Thomas Middleton, como *Macbeth* (1606) e *Medida por Medida* (1603); entre outros casos, que se assemelham a *Sir Thomas More*, no qual a parte Shakespereana é uma porção – uma adição – como visto em *Eduardo III* (1596) e *Arden of Faversham* (1592-5) (Cf. JOWETT, 2012; 2013). Tendo trabalhado com o tema da colaboração² anteriormente, o foco neste texto passa a ser o segundo aspecto: a posição ocupada pela peça em relação às outras, isto é, a questão da dicotomia cânone e apócrifa na obra de Shakespeare.

O tema das apócrifas requer atenção em dois momentos históricos. O primeiro deles é o século XVII, onde não se espera encontrar um “texto shakespereano”, mas aquilo que era o fruto textual das companhias teatrais elisabetanas. Isso pressupõe o entendimento da natureza colaborativa das peças, isto é, a presença de diversas mãos na composição da obra, além da constante revisão, por diversos motivos, como para atender novas regras de censura, para adicionar novas cenas, para substituir personagens ou atender necessidades do grupo disponível de atores entre tantas outras dinâmicas e contingências do dia a dia teatral. O segundo momento é o próprio tempo em que qualquer texto se propõe a falar do assunto. Ao abordá-lo, o crítico tem ao seu redor as condições nas quais tais obras vêm sendo tratadas, em especial a presença ou ausência de um

¹ A referência adotada para as datas das obras de Shakespeare, ao longo deste artigo, é a cronologia do *Oxford Textual Companion* 2ª edição (Wells & Taylor, 1997), ver Taylor (1997).

² Sobre colaboração, ver CLOSEL, Régis Augustus Bars. “Shakespeare e a Prática da Colaboração: O caso de ‘Sir Thomas More’ e sua Tradução”. **Tradução em Revista**, vol. 14, 2013.

determinado grupo de peças de edições acessíveis ou montagens e sua respectiva inclusão ou exclusão em coleções de obras “completas”. Desta forma, é possível dizer que a relação com o presente e o passado é determinante na forma de lidar com obras deste tipo. Retornarei a essa questão ao longo do texto, pois ela é importante para se compreender a relação a ser traçada, tomando duas peças como exemplo, *Sir Thomas More* e *Thomas, Lord Cromwell* (1602).

O termo apócrifo fora usado para as obras de Shakespeare, como observam vários críticos³, a partir da publicação de uma coletânea, em 1908, reunindo catorze títulos sob o título de *Shakespeare Apocrypha*. É curioso observar que entre os mais de cem anos que nos separam desta edição, das catorze peças que compõem o livro, três delas hoje já possuem outro status, pertencendo a coleções e obras completas, como é o caso de *Eduardo III*, *Sir Thomas More* e *Os Dois Nobres Primos*⁴. Uma quarta peça, *A Yorkshire Tragedy* (1608), também encontrou refúgio nas obras reunidas de Thomas Middleton.⁵

Stephen Orgel, ao falar de autenticidade, um termo que dialoga com esta temática, retoma a discussão sobre apócrifa em termos do Concílio de Trento, durante a Reforma Protestante, quando a *Bíblia* de Lutero foi recusada pela Igreja Católica. Segundo a Igreja, os textos autênticos são aqueles escritos em grego e hebreu e também a versão “autorizada”, em latim. Portanto, autenticidade é algo que pode ser *inerente* ou *conferido* à determinada obra (ORGEL, 2002, p. 235). As diversas comparações do *Primeiro Fólho* com a publicação da *Bíblia*, ou da obra de Shakespeare como a bíblia secular parecem justificar o termo apócrifo e canônico na discussão do que compõe ou não a obra do dramaturgo de Stratford-Upon-Avon. Antes mesmo deste tipo de comparação em termos de reflexão e recepção, é possível observar, durante o período, comparações físicas entre os dois livros, quanto ao material utilizado em sua confecção, como em uma carta da época que comenta que o papel que fora utilizado para a impressão do *Primeiro Fólho* superava em qualidade aquele que era utilizado na impressão de diversas bíblias (BENTLEY, 1971, p. 56-57).

Pode-se, então, pensar que, ao utilizar de tal termo para as peças nas quais pairam dúvidas quanto a sua autoria ser ou não ser de Shakespeare, exista um contraste entre o que está ou não autorizado, que se torna o contraste existencial entre o shakespeariano e não-shakespeariano. O que está dentro do termo cânone nestas condições? Longe de querer defini-lo, e sim compreendê-lo na discussão, a busca pela resposta pode vir da história da publicação das peças canônicas e das apócrifas.

2 Revisando a noção de Cânone e Apócrifa

Em 1623 é publicado o *Primeiro Fólho*, com trinta e seis peças, das quais metade⁶ nunca fora impressa durante a vida de Shakespeare. Alguns anos depois, em 1632, ele é reimpresso, com a mesma quantidade de peças. Entretanto, em 1664 na sua terceira impressão, mais sete peças aparecem, entre elas *Péricles*. Até então, esta seria a primeira aparição impressa de um grupo razoável de peças a integrar um conjunto regido pela figura imponente de Shakespeare. Em 2011, o pesquisador Peter Kirwan encontrou erros na transmissão da data de outra coleção, conhecida como *Shakespeare Vol. I*, que pertencera à biblioteca real e possuía, além de uma única peça não-apócrifa,

³ Por exemplo, ver Kirwan (2012, p. 539) e Jansohn (2003, p. 318).

⁴ No caso de *Os Dois Nobres Primos*, além da presença no cânone shakespeariano desde 1966 (MELCHIORI, 2012, p. 2), a peça também está presente na edição de obras de John Fletcher e Francis Beaumont (1969), no qual também está *Henrique VIII*.

⁵ Peter Kirwan, no artigo recente, “Canonising the Shakespeare Apocrypha: Shakespeare, Middleton and Co-Existent Canons” (2012), reflete sobre a existência de dois cânones que comportam as mesmas obras, como é o caso do *Collected Works* de Thomas Middleton, organizado por Gary Taylor e John Lavagnino, no qual além de *A Yorkshire Tragedy*, estão incluídas também *Macbeth*, *Medida por Medida* e *Timon de Atenas*.

⁶ As peças que não apareceram foram: *A Tempestade*, *Cimbeline*, *O Conto de Inverno*, *Henrique VIII*, *Henrique VI Parte I*, *Antônio e Cleópatra*, *Coriolanus*, *Macbeth*, *Júlio César*, *Medida por Medida*, *Bem está o que bem acaba*, *Timon de Atenas*, *Rei João*, *Os Dois Cavalheiros de Verona*, *Noite de Reis*, *A Comédia dos Erros*, *Do jeito que você quiser* e *A Megera Domada* (JOWETT, 2012, p. 75).

Trabalhos de Amor Perdidos (1594-5), outros sete títulos⁷ que também não aparecem no *Primeiro Fólio*. Apesar de esse volume ser pensado como pertencente à biblioteca do Rei Charles II (após 1660), na verdade, como afirma Kirwan, a coleção pertencera a Charles I (1600-1649) e sua datação não está mais próxima ao *Terceiro*, mas ao *Primeiro Fólio*, com a data mínima proposta como 1631 (KIRWAN, 2011, p. 595-600). Isto é, apenas oito anos de diferença entre ela e a primeira reunião das obras além da proximidade com o *Segundo Fólio* (1632). Para o crítico, isso demonstra que a relação de fronteiras entre o cânone e o apócrifo, já no período das primeiras impressões, se configurava como algo instável (Idem, p. 600).

Estas duas coleções, agora removidas de sua conveniente proximidade temporal, coincidem em quatro títulos – *The Puritan* (1607); *Thomas, Lord Cromwell*; *The London Prodigal* (1605) e *Sir John Oldcastle Part I* (1600) –, e deixam problemas em aberto para as discussões entre o canônico e o apócrifo, pois, para complicar, essas quatro peças não são peças que foram incorporadas pelo cânone atual. A mudança de data no *Shakespeare Vol. I* tem diversas implicações para o entendimento da dualidade desta questão. Além daquelas propostas pelo pesquisador⁸, proponho a hipótese de que desde a consolidação de uma data incorreta, a publicação de volumes com estas peças em coleções caiu vertiginosamente, pois, ao longo do século XX, somente a coleção de Brooke, em 1908 e a reimpressão em 1929, foram publicadas. Esse fato contrasta com as muitas vezes em que essas peças foram publicadas, em coleções organizadas por pessoas e em datas diferentes, ao longo do século XIX, seja como um volume extra ou como um suplemento.

Além da coleção citada e dos dois últimos Fólios, alguns outros itens fazem parte da história dessas peças, em alguns casos, provendo a explicação da inclusão em tais coleções. Três peças foram publicadas individualmente entre 1595 e 1607 com as iniciais “W.S.” na página de rosto: *Thomas, Lord Cromwell* (1602); *Lochrine* (1594) e *The Puritan* (1607). A referência pode ser a Wentworth Smith, um dramaturgo sobre quem não se sabe quase nada ou William Sly.

William Jaggard e Thomas Pavier tentaram produzir, em 1619, a primeira coleção de peças de Shakespeare, reunindo dez peças, com datas falsas em suas páginas de rosto, entre as quais estão: *Henrique V* (1598-9), *Rei Lear* (1605-6, Quarto 1), *O Mercador de Veneza* (1596-7), *As Alegres Comadres de Windsor* (1597-8), *Sonho de uma Noite de Verão* (1595) e *Henrique VI Parte II e III* (1591) (versões anteriores⁹ destas peças foram reunidas como uma peça única). Além destas, estão presentes três peças que não estão no *Primeiro Fólio*: *Pericles, Príncipe de Tiro*; *Sir John Oldcastle Part I* e *A Yorkshire Tragedy*. Este volume ficou conhecido como *Fólio Pavier*. O projeto de impressão foi impedido devido à intervenção da companhia de Shakespeare (JOWETT, 2012, p. 69-72).

Dois anos após o *Segundo Fólio* (1632), em 1634, há o registro da peça escrita por John Fletcher e William Shakespeare, *Os Dois Nobres Primos*. Neste caso, desde 1966, a peça integra diversas coleções de obras completas (MELCHIORI, 2012, p. 2) e a confirmação da presença de Shakespeare é unânime entre a crítica da peça. Um caso semelhante é *Péricles*, também inclusa no *Fólio Pavier*, que desde a década de 1950 também integra as obras completas. Ambas as peças, são fruto de colaboração, a primeira com Fletcher e a segunda com George Wilkins (JOWETT, 2012, p. 17). Essas peças foram as primeiras entre aquelas que não estavam no *Primeiro Fólio* a alcançar a inclusão canônica.

Diversas outras peças também possuem alguma possível associação com Shakespeare, *The Birth of Merlin* (1662), em uma colaboração inusitada entre Shakespeare e William Rowley

⁷ São eles: *The Puritan*; *Thomas, Lord Cromwell*; *The Merry Devil of Edmonton*; *The London Prodigal*; *Mucedorus*; *Fair Em* e *Sir John Oldcastle Part I*.

⁸ Kirwan propõe que essa nova datação: enfraquece o vínculo de *Fair Em* com a companhia de Shakespeare; apresenta evidência de associação destas peças com Shakespeare, muito antes do que era pensado anteriormente; e que tanto aquilo que é conhecido como ‘apócrifo’ quanto como ‘canônico’ estavam aparecendo ao mesmo tempo (2011, p. 600-601).

⁹ *The Whole Contention Between the Two Famous Houses, Lancaster and York (Henrique VI Parte II)* e *The True Tragedy of Richard Duke of York (Henrique VI Parte III)*.

(TAYLOR, 1997, p. 135). *The Second Maiden's Tragedy* (1611) é outra peça que sobrevive em manuscrito, cuja autoria fora atribuída a Shakespeare, como sendo a peça referente à perda *Cardenio*. No entanto, trata-se de uma peça de Thomas Middleton (HAMMOND, 2010, p. 123-4). *Edmond Ironside* (1588) possui uma reclamação fraca para Shakespeare como seu autor (TAYLOR, 1997, p. 138). Em uma situação oposta está *Arden of Faversham*, talvez a próxima peça a adentrar o cânone, pois assim como *Sir Thomas More*, trata-se de uma parte específica que está fortemente relacionada a Shakespeare (CRAIG & KINNEY, 2012, p. 99).

Entretanto, existem peças que não possuem nada relacionado a Shakespeare ou mesmo ao teatro de sua época. No século XVIII, um crítico chamado William Henry Ireland (1775-1835) apresentou peças em manuscrito, alegando se tratar de algo legítimo pela mão de Shakespeare. O título era *Vortigern and Rowena*. Na sequência ele apresentou, nos mesmos termos, *Henry II*. A primeira delas chegou a ser encenada em 1796. Tanto estas duas peças como muitos outros documentos, que supostamente foram escritos por Shakespeare e apresentados por Ireland, foram forjados. Posteriormente, ele veio a público e confessou sua farsa (SHAPIRO, 2010, p. 17-28). A tabela abaixo sintetiza a situação de algumas peças quanto ao momento e como foi feita sua associação a Shakespeare.

Tabela 1: Peças Atribuídas a Shakespeare fora do Primeiro Fólio e sua situação em Agosto/2013

Peça	Ano	Referência a Shakespeare	Condição atual
<i>Edmond Ironside, or War hath made all friends</i>	1588	Crítica literária	Sem relação com Shakespeare (via Estatística Computacional).
<i>Eduardo III</i>	1592-4	Crítica Literária Estatística Computacional	Inclusa na Oxford Shakespeare (2005), New Cambridge Shakespeare (1990) e Arden Shakespeare (prevista para 2015).
<i>Arden of Faversham</i>	1592	Crítica Literária Catálogos antigos de drama Estatística Computacional	Confirmação de Shakespeare ter escrito a cena viii e é uma peça colaborativa (via Estatística Computacional).
<i>Fair Em, the miller's daughter of Manchester</i>	1592?	Inclusão em: • Shakespeare Vol. I (1631)	Atribuição internamente fraca. Possivelmente escrita por Anthony Munday
<i>Lochrine</i>	1594	Iniciais "W.S."	Sem relação com Shakespeare.
<i>Mucedorus</i>	1598	Inclusão em: • Shakespeare Vol. I (1631) Catálogos antigos de drama (1656)	Adições (pós 1603) com similaridades.
<i>Sir Thomas More</i>	1603-4	Caligrafia, Vocabulário Imaginário Crítica Literária	Confirmação de Shakespeare ter escrito os trechos da Mão D (cena vi, 1-154) e possibilidade na Adição III (cena viii, 1-21) e Adição V (cena ix, 1-22) Inclusa na Oxford Shakespeare (2005), e Arden Shakespeare (2011).
<i>Sir John Oldcastle Part I</i>	1600	Inclusão em: • Fólio Pavier (1619) • Shakespeare Vol. I (1631) • Terceiro Fólio (1664) • Quarto Fólio (1685)	Escrita por Anthony Munday, Michael Drayton, Robert Wilson e Richard Hathway
<i>The History of Life and Death of Thomas Lord Cromwell</i>	1602	Registro Iniciais "W.S." • Quarto 1 (1602) • Quarto 2 (1613) Inclusão em: • Shakespeare Vol. I (1631) • Terceiro Fólio (1664) • Quarto Fólio (1685)	Permanece como apócrifa e com diversos candidatos a sua autoria. Evidências internas fracas. Possível colaboração.
<i>The London Prodigal</i>	1605	"By William Shakespeare" na folha de rosto	Caso em aberto, possibilidade de Thomas Dekker, George Wilkins ou

Peça	Ano	Referência a Shakespeare	Condição atual
		<ul style="list-style-type: none"> • Quarto (1605) Inclusão em: <ul style="list-style-type: none"> • Shakespeare Vol. I (1631) • Terceiro Fólho (1664) • Quarto Fólho (1685) 	Thomas Middleton como autores e/ou colaboradores.
<i>The Puritan; or, The Widow of Walking Street</i>	1607	Iniciais “W.S.” <ul style="list-style-type: none"> • Quarto (1607) Inclusão em: <ul style="list-style-type: none"> • Shakespeare Vol. I (1631) • Terceiro Fólho (1664) • Quarto Fólho (1685) Catálogos antigos de drama (1656)	Atribuída a Thomas Middleton.
<i>The Merry Devil of Edmonton</i>	1607	Inclusão em: <ul style="list-style-type: none"> • Shakespeare Vol. I (1631) Registro em 1653 Catálogos antigos de drama (1656; 1661)	Atribuição internamente fraca. Possivelmente escrita por Thomas Dekker.
<i>A Yorkshire Tragedy</i>	1608	Inclusão em: <ul style="list-style-type: none"> • Fólho Pavier (1619) • Terceiro Fólho (1664) • Quarto Fólho (1685) 	Atribuída a Thomas Middleton, com possibilidade de Shakespeare ter escrito a primeira cena.
<i>Péricles, Príncipe de Tiro</i>	1608	“By William Shakespeare” na folha de rosto <ul style="list-style-type: none"> • Quarto (1609) Inclusão em: <ul style="list-style-type: none"> • Fólho Pavier (1619) • Terceiro Fólho (1664) • Quarto Fólho (1685) 	Confirmação de peça colaborativa entre Shakespeare e George Wilkins.
<i>The Second Maiden’s Tragedy</i>	1611	“William Shakespeare” ao lado do nome de outros dois dramaturgos. Possibilidade de ser <i>Cardenio</i>	Sem relação com Shakespeare Atribuída a Thomas Middleton.
<i>Os Dois Nobres Primos (Two Noble Kinsmen)</i>	1632	Registro Quarto (1634)	Confirmação de peça colaborativa entre Shakespeare e Fletcher. Presente em diversas edições completas e volumes individuais.
<i>The Birth of Merlin, or the childe hath found his father</i>	1662	“By William Shakespeare and William Rowley” na folha de rosto.	Permanece como apócrifa, mas sua atribuição é praticamente inválida.

Fontes: Brooke (1908); Chambers (1930; 1974); Bentley (1971); Taylor (1997); Wells & Taylor (1997); Proudfoot (2001); Orgel (2002); Jansohn (2003); Taylor & Lavagnino (2007); Hammond (2010); Shapiro (2010); Kirwan (2011; 2012); Craig & Kinney (2012); Jowett (2012; 2013).

3 Confrontando tipos de evidências

Tomando duas peças como exemplos para o desenvolvimento deste texto, o contraste de suas situações torna o assunto tão atraente quanto complexo, pois no momento atual, em que não há de fato uma revisão do cânone shakespeariano – provavelmente nunca haverá. No entanto, a noção de texto e as condições em que este era produzido vêm alterando a forma como as peças podem ser editadas, lidas ou encenadas. Ambas as peças tematizam a vida de dois personagens ilustres: Sir Thomas More e Thomas Cromwell. Os dois ocuparam cargos elevados e de proximidade ao Rei durante o reinado de Henrique VIII. Ambos foram condenados por traição, enviados à Torre de Londres e mortos. Cada um deles teve uma peça teatral para contar sua ascensão e queda produzidas no período elisabetano, peças que, em épocas distintas, foram atribuídas a Shakespeare.

A primeira delas é o objeto do estudo e tradução de meu doutorado, *Sir Thomas More*, uma

peça que, curiosamente a esta discussão, nunca foi impressa e talvez nunca encenada durante o século XVI e XVII. Seu manuscrito sobreviveu em meio a outros que foram preservados em bibliotecas e data de 1592 a 1604. Sua composição demonstra o possível motivo para o engavetamento da peça, pois logo no início há uma anotação feita pelo censor exigindo a remoção de grande parte do enredo, que lidava com o assunto de uma rebelião de ingleses contra estrangeiros. A peça também possui diversas outras folhas adicionadas ao seu corpo básico, cujo termo preciso é “adição”. Estas foram feitas por três dramaturgos, identificados por sua caligrafia, entre eles, Thomas Dekker, Thomas Heywood e William Shakespeare. Além destes, há mais uma mão, um copista identificado apenas como “Mão C”¹⁰ que atua como um editor, marcando trechos para serem removidos e transformando a peça em um corpo. A identificação de Shakespeare com *Sir Thomas More* baseia-se em diversos estudos, que recorrem à paleografia, contrastando os documentos do dramaturgo com uma cena específica da peça. Além destes, há na composição da adição elementos como estilo, imaginário e vocabulário que permitem outra forma de atribuição do fragmento. Este corresponde apenas a 147 linhas, no início da cena em que Thomas More acalma uma rebelião (Cf. JOWETT, 2011). Outras duas partes, transcritas pela Mão C, também são atribuídas a Shakespeare (JOWETT, 2013, p. 94), embora aquela em sua letra seja a mais aceita.

A atribuição nestes casos baseia-se naquilo que é chamado de *evidência interna*, pois não há nenhum documento, como um registro de peça, que associe qualquer um dos nomes de seus dramaturgos a ela. O século XX deu visibilidade à peça, encenando-a – provavelmente pela primeira vez, e contando com Sir Ian McKellen como o protagonista na primeira atuação feita profissionalmente. No fim do século passado, algumas coleções passaram a incorporar as linhas atribuídas a Shakespeare em suas coleções de Obras Completas. A Oxford Shakespeare (2005), preparada por Stanley Wells e Gary Taylor, foi a primeira a incluí-la, junto com *Péricles*, *Eduardo III* e *Dois Nobres Primos* e a versão *Quarto* de *Rei Lear*. Em 2011, a peça recebeu uma edição primorosa e com todo aparato crítico de outras edições publicadas individualmente pela Arden Shakespeare.

Com a outra peça, *The History of Life and Death of Thomas, Lord Cromwell*, a situação é bem diferente. Ela foi registrada em 11 de agosto de 1602, conforme consta no Stationer’s Registry, e com a referência de ter sido previamente atuada pela companhia de Shakespeare. A primeira versão data também de 1602, no qual consta a inscrição “written by “W. S.”. Anos depois, possivelmente com algumas alterações, em 1611, a peça tem uma nova anotação no registro, agora com um autor, “by W: S”. Dois anos depois, em 1613, a peça agora mantendo o seu “W. S.” como o autor, alcança a segunda impressão, e a referência é novamente a companhia de Shakespeare, identificada com o novo nome.¹¹ Além destas duas publicações e dois registros, dos quais três contêm uma possível alusão a Shakespeare e a sua companhia teatral, há também a presença da peça no *Shakespeare Vol. I* (1631) e no *Terceiro Fólio* (1664) e *Quarto Fólio* (1685), totalizando pelo menos cinco publicações do texto entre 1602 e 1685, todas reclamando a atribuição a Shakespeare, totalizando, portanto, cinco documentos – sem contar os registros – do século XVII que fazem tal relação. A peça, como comentado acima, apareceu em diversas coleções até a edição de Tucker Brooke em 1908, mas hoje permanece na área liminar de peças fora do cânone, apesar da existência dessas *evidências externas*. No entanto, a existência dessa documentação contrasta com a falta de *evidências internas* que liguem Shakespeare a ela.

Conclusão

Ambas as peças possuem a temática de lidar com homens que não foram reis, mas que foram extremamente influentes. Os registros que apontam a existência de uma ou duas peças sobre o predecessor de More, o Cardeal Thomas Wolsey, demonstram o interesse nesta temática em um momento específico do drama elisabetano, uma ocasião em que a os temas do período Tudor

¹⁰ Cada participante fora identificado, inicialmente, como Mão e uma letra.

¹¹ Para estas datas foram utilizadas as transcrições feitas por E. W. Chambers em 1923 (1974, III p. 534).

alcançam os palcos, e o centro da ação trágica desce um degrau, do Rei para o segundo homem mais poderoso do reino. O tópico da ascensão e queda de grandes homens está presente na literatura e no drama elisabetano, colocando no campo da ação trágica o modelo a não ser seguido ou, na discussão do ambiente intelectual do *Mirror for Magistrates* (1559-1610) e seus colaboradores, permitindo que vozes diferentes pudessem avaliar e comentar cada queda.

Enquanto a passagem de *Sir Thomas More* possui evidências internas, ligando palavras, ideias, imagens a outras peças de Shakespeare e evidências externas ligando a caligrafia da adição a outros documentos, no caso de *Cromwell*, a situação é oposta. Aparentemente, a existência de tantas evidências externas, ligadas ao mundo teatral, como registros, nome na folha de rosto, a companhia teatral a qual a peça pertencia e sua inclusão em dois conjuntos de obras coletadas, não possuem – ainda – força para reclamar por um lugar junto as mais de quarenta peças que hoje fazem parte de alguns cânones. Quando a discussão é estética, a questão é complexa, pois, como aponta Roger Chartier, de maneira muito lúcida, “[o livro] não muda quando o mundo muda, enquanto o seu modo de leitura muda” (1994, p. 22). O caso que melhor ilustra essa definição e oferece um paralelo a *Cromwell* e tantos outros textos é a peça chamada *Mucedorus* (1598). Embora o nome não nos seja familiar, esta, e não *Hamlet* (1600-1), a *The Spanish Tragedy* (1592)¹², *Romeu e Julieta* (1595) nem *Ricardo III* (1592-3), fora a peça mais popular e de maior longevidade no teatro do século XVI e XVII. *Mucedorus* também é outra da lista de peças apócrifas, na qual Shakespeare teria realizado uma adição em 1610 (TAYLOR, 1997, p. 139).

A situação, ainda que brevemente exposta, ajuda a compreender que existe um mundo de peças com as mais diferentes formas de aproximação a Shakespeare – oscilando do documento declaradamente falsificado às peças com reclamações legítimas de lugar – que, de acordo com o entendimento crítico ou editorial, podem ou não alcançar um grande público. Entre as obras chamadas de apócrifas e os seus possíveis leitores, atores e diretores de teatro há um portão bem vigiado¹³ formado pelas coleções e agrupamentos de peças que somente permitem a travessia e a completa atribuição daquilo que atende as muitas necessidades e regras válidas para aquele momento específico e não do momento da escrita, ainda que, como lembra Kirwan, são as peças que são duvidosas e não a sua atribuição (2012, p. 539). Portanto, se há uma dicotomia entre os dois status para uma peça, esta não precisa ser vista como um grande abismo, mas como algo dotado de reversibilidade, pois uma peça pode ser “canônica” durante seus primeiros anos, “apócrifa” durante os séculos que se seguiram para novamente fazer parte do cânone.

Referências Bibliográficas

- 1] BENTLEY, Gerald Eades. **The Profession of Dramatist in Shakespeare's Time**. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- 2] BROOKE, C. F. Tucker. **The Shakespeare Apocrypha**. Being a collection of fourteen plays which have ascribed to Shakespeare. Oxford: Clarendon Press, 1929 [1908].
- 3] CHAMBERS, E. K. **The Elizabethan Stage**. 3 Vols. Oxford: Clarendon Press, 1974 [1923].
- 4] CHAMBERS, E. K. **William Shakespeare: A Study of facts and problems**. 2 Vols. Oxford: Clarendon University Press, 1930.
- 5] CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: Editora da UNB, 1994.
- 6] CLOSEL, Régis Augustus Bars. “Shakespeare e a Prática da Colaboração: O caso de ‘Sir Thomas More’ e sua Tradução”. **Tradução em Revista**, vol. 14, p. 1-27, 2013.
- 7] COX, John D.; RASMUSSEN, Eric. Introduction. In: SHAKESPEARE, William. **King**

¹² Para esta data a referência é a edição da Arden Early Modern Drama, editada por C. Calvo e J. Tronch (KYD, 2013).

¹³ Registro aqui meu agradecimento ao Prof. Dr. Suman Gupta (Open University - UK) e a ideia de “gatekeeping” apresentada por ele durante um curso sobre Materialidade e Literatura Comparada, oferecido na Unicamp em 2012.

- Henry VI Part III.** Edited by John D. Cox and Eric Rasmussen. The Arden Shakespeare Third Series. London: Thomson, 2001. p. 1-176.
- 8] CRAIG, Hugh et KINNEY, Arthur F. (Eds.). **Shakespeare, Computers, and the Mystery of Authorship.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012 [2009].
- 9] EDMONDSON, Paul; WELLS, Stanley. **Shakespeare Beyond Doubt.** Evidence, Argument, Controversy. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- 10] HAMMOND, Brean. Introduction. In: SHAKESPEARE, William. **Double Falsehood or The Distressed Lovers.** Edited by Brean Hammond. The Arden Shakespeare Third Series. London: Methuen, 2010. p. 1-160.
- 11] JANSON, Christa. "The Shakespeare Apocrypha: A Reconsideration". **English Studies**, vol. 84, n. 4, p. 318-326, 2003.
- 12] JOWETT, John. Introduction. In: MUNDAY, Anthony; SHAKESPEARE, William et al. **Sir Thomas More.** Edited by John Jowett. The Arden Shakespeare Third Series. London: Methuen Drama, 2011. p. 1-129.
- 13] JOWETT, John. **Shakespeare and Text.** Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2012 [2007].
- 14] JOWETT, John. Shakespeare as Collaborator. In: EDMONDSON, Paul; WELLS, Stanley. **Shakespeare Beyond Doubt. Evidence, Argument, Controversy.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 88-99.
- 15] KIRWAN, Peter. "Canonising the Shakespeare Apocrypha: Shakespeare, Middleton and Co-Existent Canons". **Literature Compass**, vol 9, n. 8, p. 538-548, 2012.
- 16] KIRWAN, Peter. "The First Collected apocrypha". **Shakespeare Quarterly**, vol. 62, n. 4, p. 594-601, winter, 2011.
- 17] KYD, Thomas. **The Spanish Tragedy.** Arden Early Modern Drama. Edited by Clara Calvo e Jesus Tronch. London: Bloomsbury, 2013.
- 18] MELCHIORI, Giorgio. Introduction. In: SHAKESPEARE, William. **King Edward III.** Edited by Giorgio Melchiori. The New Cambridge Shakespeare. Cambridge: Cambridge University Press, 2012 [1990]. p. 1-51.
- 19] ORGEL, Stephen. **The Authentic Shakespeare and other problems of the early modern stage.** London: Routledge, 2002.
- 20] PROUDFOOT, Richard. **Shakespeare: Text, Stage and Canon.** Arden Shakespeare. London: Thomson: 2001.
- 21] SHAKESPEARE, William. **King Edward III.** Edited by Giorgio Melchiori. The New Cambridge Shakespeare. Cambridge: Cambridge University Press, 2012 [1990].
- 22] SHAPPIRO, James. **Contested Will: Who wrote Shakespeare?** London: Faber and Faber, 2010.
- 23] TAYLOR, Gary. The Canon and the Chronology of Shakespeare's plays. In: WELLS, Gary; TAYLOR, Gary; JOWETT, John; MONTGOMERY, William. **William Shakespeare: A Textual Companion.** Reprinted with corrections. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1987], p. 69-144.
- 24] TAYLOR, Gary; LAVAGNINO, John. (Eds.). **The Collected Works of T. Middleton.** Oxford: Oxford University Press, 2007.
- 25] WELLS, Stanley; TAYLOR, Gary; JOWETT, John; MONTGOMERY, William. **William**

Shakespeare: A Textual Companion. Reprinted with corrections. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1987].

Lista de edições modernas das peças citadas

Arden of Faversham

WHITE, M. (Ed.). New Mermaids Series. London: Methuen, 2007.
MCLUSKIE, K. (Ed.). **Plays On Women.** Revels Student Editions. Manchester: Manchester UP, 2000.
WINE, M. L. (Ed.). The Revels Plays. London: Methuen, 1973.
MACDONALD, H.; SMITH, N. (Eds.). Malone Society Publications, 86, 1939.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.

Lochrine

ROWE, N. (Ed.). London: Pickering & Chatto, 1999.
GOOCH, J. L. (Ed.). New York, 1981.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.
MCKERROW, R. B. (Ed.). Malone Society Publications, 8, 1908.

Eduardo III

MELCHIORI, G. (Ed.). The New Cambridge Shakespeare. Cambridge: CUP, 2012.
FUNCK, E. (Tradutor Português-Brasil.). Porto Alegre: Movimento; Edunisc, 2010.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.

Mucedorus

FRASER, R. A.; RABKIN, N. (Eds.). **Drama of the English Renaissance.** 1 - The Tudor period. London: Practice Hall, 1976.
WINNY, J. (Ed.). **Three Elizabethan Plays.** London: Chatto & Windus, 1959.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.
FARMER, J. S. (Ed.). Old English Drama, 1910.
WARNKE, K.; PROESCHOLDT, L. (Eds.). Halle: Max Niemeyer, 1878.

Sir John Oldcastle Part I

RITTENHOUSE, Jonathan (Ed.). New York: Garland, 1984.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.
SIMPSON, P. (Ed.). Malone Society Reprints, 9. 1908.

Thomas, Lord Cromwell

KOZLENKO, W. (Ed.). **The Life and Death of Thomas, Lord Cromwell.** Disputed Plays of William Shakespeare. New York: Hawthorne, 1974.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.

The London Prodigal

EDMONDON, P. M. (Ed.). PhD Thesis. University of Birmingham, 2000.
ROWE, N. (Ed.). London: Pickering & Chatto, 1999.
ARULANANDAM, S. D. PhD Thesis. University of Auckland, 1993.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.

The Puritan

ROWE, N. (Ed.). London: Pickering & Chatto, 1999.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha.** Oxford: Clarendon Press, 1929.
[sem informação]. Old English Drama, 97, 1911.

A Yorkshire Tragedy

TAYLOR, G.; LAVAGNINO, J. (Eds.). **The Collected Works of T. Middleton.** Oxford: OUP, 2007.

CAWLEY, A. C.; GAINES, B. (Eds.). *The Revels Plays*. Manchester: Manchester UP, 1986.
FELDMAN, S. D.; PROUDFOOT, G. R. *Malone Society Publications*, 129, 1969.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha**. Oxford: Clarendon Press, 1929.

The Merry Devil of Edmonton

BENNET, N. (Ed.). *Globe Quartos*. London: Nick Hern Books, 2000.
ABRAMS, W. A. Durham: Duke UP, 1942.
MCILWRAITH, A. K. (Ed.). *Five Elizabethan Comedies*. London: OUP, 1934.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha**. Oxford: Clarendon Press, 1929.
BREWER, T. (Ed.). *Tudor facsimile texts*, 1911.

Fair Em

HENNING, S. (Ed.). New York: Garland, 1980.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha**. Oxford: Clarendon Press, 1929.
GREG, W. W. (Ed.). *Malone Society Publications*, 62, 1927.
WARNKE, K.; PROESCHOLDT, L. (Eds.). Halle: Max Niemeyer, 1883.

The Birth of Merlin

UDALL, J. (Ed.). *Modern Humanities Research Association*, 1991.
DOMINIK, M. (Ed.). New York: Philosophical Library, 1985.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha**. Oxford: Clarendon Press, 1929.

Sir Thomas More

JOWETT, J. (Ed.). *The Arden Shakespeare Third Series*. London: Methuen Drama, 2011.
MELCHIORI, G. et GABRIELLI, G. *The Revels Plays*. New York: Manchester UP, 2007.
THE ROYAL SHAKESPEARE COMPANY (Ed.). London: NHB, 2005.
GREG, W. W. (Ed.) in: WEGEMER, G. B.; SMITH, S. W. (Eds.) **Thomas More Source Book**, 2004.
PITCHER, J. (Ed.). *Malone Society Publications*, 28B, 1990
STEWART, R. J. et al (Comentários). *Tudor Text Society*. Shaftbury: Element, 1989; 1981.
WELLS, S; TAYLOR, G. **Oxford Shakespeare Complete Works**, Oxford: OUP, 1986; 2005.
JENKINS, H. (Comentários). Reprinted by lithography. *Malone Society Publications*, 28A, 1961.
ALEXANDER, P. (Ed.). **The Complete Works**. London and Glasgow, 1951.
SHIRLEY, J. (Ed.). *Canterbury*, c.1938.
BROOKE, C. F. T. (Ed.). **The Shakespeare Apocrypha**. Oxford: Clarendon Press, 1929.
GREG, W. W. (Ed.). Oxford: *Malone Society Publications*, 28 1911.
FARMER, J. S. (Ed.). *Tudor Facsimile Texts, Folio Series*, 1910; 1970.
HOPKINSON, A. F. (Ed.). 1902.
DYCE, A. (Ed.). London: Shakespeare Society, 1844.

Edmond Ironside

MARTIN, R. (Ed.). London: Garland, 1991.
SAMS, E. (Ed.). Hants: Wildwood, 1986.
BOSWELL, E. (Ed.). *Malone Society Publications*, 61, 1927.

i **Régis Augustus Bars CLOSEL, Prof. Ms., Doutorando (FAPESP)**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Instituto de Estudos da Linguagem

University of Birmingham (FAPESP-BEPE)

Shakespeare Institute

regis.close@gmail.com